

## “EU SOU UMA LÉSBICA”: LITERATURA E PSICANÁLISE NA OBRA DE CASSANDRA RIOS

Talita Ferreira Gomes da Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** A literatura lésbica tem emergido como um campo significativo nas discussões acadêmicas contemporâneas, desafiando a ideia de um conhecimento neutro e desprovido de subjetividades. Neste contexto, a literatura não apenas visibiliza a existência lésbica, mas também atua como uma forma de resistência contra normas heteronormativas e patriarcais. A obra "Eu sou uma lésbica" (1983), de Cassandra Rios, conhecida pelo impacto na literatura nacional apesar da censura e crítica, ilustra essas questões. O romance examina a forma como o desejo é idealizado e distorcido pelo narcisismo, em consonância com as teorias psicanalíticas de Freud sobre o amor e a constituição subjetiva. A análise literária e psicanalítica do livro busca refletir sobre as concepções de amor e suas implicações na representação das relações íntimas entre mulheres, levando em consideração a influência das normas heteronormativas e a sub-representação de personagens lésbicas na literatura. Este artigo, portanto, procura oferecer uma visão sem julgamentos morais da obra, consciente das suas limitações e subjetividades, mas também reconhecendo a complexidade do contexto histórico.

**Palavras-chave:** Cassandra Rios; Literatura lésbica; Pornografia; Psicanálise.

## “I AM A LESBIAN”: LITERATURE AND PSYCHOANALYSIS IN CASSANDRA RIOS

**ABSTRACT:** The lesbian literature has increasingly became a significant field in contemporary academic works, challenging the notion of neutral and objective knowledge. Within this context, literature not only brings lesbian existence into visibility but also acts as a form of resistance against heteronormative and patriarchal norms. The novel I Am a Lesbian (1983) written by Cassandra Rios, known for its impact on national literature despite facing censorship and criticism, exemplifies these issues. The novel examines how desire is idealized and distorted by narcissism, aligning with Freud's psychoanalysis theories on love and subjective constitution. A literary and psychoanalysis of the book aims to reflect on conceptions of love and their implications for the representation of intimate relationships between women, considering the influence of heteronormative norms and the underrepresentation of lesbian characters in literature. This study, therefore, aims to provide an unbiased view of the work, aware of its limitations and subjectivities, while also acknowledging the complexity of the historical context.

---

<sup>1</sup> Doutoranda e Mestre em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Graduada em Letras: Português pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). E-mail: [talitaferreiragomes@gmail.com](mailto:talitaferreiragomes@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1750-999X>.

**Keywords:** Cassandra Rios; Lesbian literature; Pornography; Psychoanalysis.

## Introdução

A existência lésbica constitui, atualmente, parte das teorias elaboradas pelas intelectuais contemporâneas. A ideia de uma teoria neutra é ilusória, assim como a noção de um espaço de produção do conhecimento desprovido de influências subjetivas também é. Nesse contexto, observa-se que os afetos são indissociáveis da construção do nosso pensamento, e percepções subjetivas podem ser acolhidas.

Dessa forma, sabe-se que o conhecimento não se limita ao âmbito acadêmico, e as lésbicas têm plena consciência desse fato: a literatura lésbica atua como um meio de visibilizar nossa existência e romper com a invisibilidade historicamente imposta. O pensamento lésbico, portanto, emerge como um posicionamento ativo e desafiador, rejeitando a invisibilidade tradicionalmente atribuída. Refletir sobre a lesbianidade é também considerar a resistência frente às normas heterossexistas e patriarcais.

O amor, no entanto, frequentemente se apresenta através do véu da ilusão. Motivado pelo narcisismo, o amante muitas vezes ultrapassa os limites na busca pelo objeto de seu desejo. Contudo, esse objeto é uma vertigem, um reflexo distorcido do “eu”. Em outras palavras, quanto mais se ama, mais se tende a idealizar o outro, que, para o amante, torna-se um ser absoluto.

Na perspectiva psicanalítica, o amor é aquilo que confronta o indivíduo com sua ferida primordial, de forma direta e sem tergiversações. Não ter a capacidade de alcançar uma compreensão completa da verdade do amor alimenta um desejo incessante de saber mais e, assim, há concepções e ações frequentemente irracionais em nome do amor. O encontro com o amor se dá no distanciamento e reconhecimento da alteridade do outro. Freud (1929/2010) argumenta que o amor não tem o poder de eliminar a falta intrínseca à constituição subjetiva.

Portanto, este estudo parte dessa análise para explorar a obra "Eu sou uma lésbica" (1983), de Cassandra Rios, evidenciando o estilo narrativo, o contexto histórico, o gênero literário, entre outros aspectos, para refletir as concepções possíveis de amor e seus impactos nas representações de relações íntimas entre mulheres. Para isso, apresentarei uma breve análise literária e psicanalítica para entender também a influência das normas heteronormativas na invisibilidade do desejo lésbico.

Torna-se evidente que a inacessibilidade das mulheres à literatura colaborou para a sub-representação de personagens lésbicas no campo literário. Nesse contexto, na segunda metade do século XX, na literatura nacional, surge a escritora Cassandra Rios, pseudônimo de Odette Rios (1932-2001), cuja temática principal da obra é o relacionamento entre mulheres lésbicas e suas características e complexidades. No imaginário coletivo, seu nome é sinônimo de literatura pornográfica — antes mesmo de literatura lésbica. Seus livros, apesar das críticas e da censura que enfrentou, tiveram grande impacto, alcançando milhões de cópias vendidas.

O romance aborda um tema recorrente na temática da autora: o surgimento do amor entre mulheres. Lutando contra os discursos baseados na heterossexualidade compulsória, as personagens são construídas de modo a viver ou buscar viver livremente “o amor que não ousa

dizer o seu nome”<sup>2</sup> (Douglas, 1892 *apud* Lasaitis, 2020). A narrativa apresenta como o amor pode ser controverso. Ao reconhecer o desejo, encena que a paixão, cuja força transborda na devastação de si, muitas vezes não tem a capacidade de reconhecê-lo. Para tanto, o trabalho se sustenta, principalmente, nos conceitos de amor para Freud e feminilidade para Lacan<sup>3</sup>.

O livro é baseado em relatos de Flávia, uma jovem que rememora o que acredita serem suas experiências lésbicas desde a infância. O enredo enuncia não só um “amor diferente” entre mulheres, mas evoca os discursos em torno da sexualidade lésbica. Revelam-se as implicações sexuais da protagonista, marcadas pelas perturbações oriundas das incertezas, traumas e, sobretudo, dos processos de autodescoberta.

Procuro, neste artigo, não “cancelar” a autora. A ditadura militar<sup>4</sup> já esteve encarregada dessa tentativa. A sociedade brasileira, por sua vez, tampouco empreendeu tentativas bem-sucedidas de resgatá-la. Aqui, farei uma breve análise da obra, buscando ser o menos “contaminada” por julgamentos morais, compreendendo que não há análise ou ciência neutra. Ainda assim, busca-se reconhecer que tal análise só pode ser minimamente justa se levar em consideração o fato de a obra ter sido produzida por uma mulher lésbica que ousou escrever ficção pornográfica — também lésbica — desde 1948.

## 1. Breves comentários sobre a compreensão da homossexualidade por Freud

Enquanto teoria da mente humana, a psicanálise utiliza a literatura como uma ferramenta para entender doenças e distúrbios psicológicos. Em palavras de Souza (2009, p. 243), “não é uma prática literária, mas sim uma metodologia clínica e terapêutica”. Nesse contexto, a literatura assume um papel crucial na construção de significados que podem iluminar caminhos para a busca da compreensão do inconsciente. Nesse contexto, observa-se que a psicanálise é uma teoria de caráter subjetivo e simbólico. Para a crítica psicanalítica, especialmente sob a perspectiva de Freud, a literatura serve como um meio de manifestação do inconsciente tanto do autor quanto dos leitores que se dedicam às suas obras, buscando prazer. Isso sugere que esses indivíduos, de forma consciente ou inconsciente, estão em busca de reafirmar suas fantasias e desejos ocultos.

O objetivo da psicanálise é desvelar o conteúdo subjacente do texto, aquilo que está escondido e que influencia o conteúdo manifesto (Samuel, 2011). Para Freud (1908/1976), a

<sup>2</sup> A expressão “o amor que não ousa dizer o seu nome”, frequentemente atribuída a Oscar Wilde, na verdade, foi escrita no poema “Two Loves” por Alfred Douglas, seu amante, em setembro de 1892. A comum atribuição a Wilde se dá uma vez que meses depois, em abril de 1895, foi mencionada durante o julgamento que culminou em seu julgamento por “atos de indecência”, no intuito de pressioná-lo a confessar o crime de ser homossexual. Wilde também menciona a expressão em sua carta-livro “*De Profundis*” (1905) (Mello, 2024).

<sup>3</sup> As ideias de Freud sobre o amor estão principalmente em *Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905) e *O Mal-estar na civilização* (1930), nos quais o teórico diferencia o amor de ternura e o amor sensual, vinculando-os à libido e ao complexo de Édipo. Já Lacan discute a feminilidade em *O Seminário, Livro 20: Mais, Ainda* (1972), desenvolvendo a noção de que “A mulher não existe” no sentido de que a feminilidade escapa à lógica fálica e se manifesta por um gozo não-todo simbolizável.

<sup>4</sup> A ditadura militar, vigente entre 1964 e 1985, foi um regime autoritário marcado pela violação de direitos humanos, censura, tortura e morte de opositores políticos (Araujo; Silva; Santos, 2013).

literatura representa a realização de desejos ou a satisfação de fantasias reprimidas pelo princípio da realidade ou restritas por normas morais. Para alcançar a libertação dessas normas em um texto literário, além de analisar atitudes, desejos e emoções revelados nos personagens, é essencial entender alguns conceitos-chave que facilitam a compreensão da linguagem.

Sabe-se que a psicanálise foi desenvolvida em um período histórico marcado por forte repressão. Mezan (2008) observa que Freud se dedicou a compreender os mecanismos de repressão à luz da natureza social predominante na época. Uma de suas principais contribuições foi a descoberta da sexualidade infantil, fundamentadas na teoria do Complexo de Édipo.

Jorge (2007) destaca que Freud desafiou as noções previamente aceitas sobre a dicotomia entre normal e patológico no campo da sexualidade. Freud argumenta que a concepção de heterossexualidade como “normal” é, na verdade, uma convenção social. A partir da teoria da sexualidade infantil, Freud revela a capacidade intrínseca de todos os seres humanos de desenvolver uma orientação homossexual diferente. Dessa forma, Freud contribui, ainda que indiretamente, com o rompimento da ideologia dominante que considerava a homossexualidade como uma anomalia.

Sabe-se que o impacto da psicanálise é enorme, sendo capaz de contribuir com as novas compreensões acerca da infância e da complexidade da sexualidade humana. No entanto, diversos autores ressaltam que a interpretação ampla das ideias de Freud ajudou a consolidar o estigma em torno da homossexualidade.

A visão sobre a “inversão”, como a homossexualidade era conhecida na época, evoluiu gradualmente de uma visão patológica para uma perspectiva mais antropológica, particularmente após Freud ter evidenciado a prática na civilização antiga em “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” (1905). Embora Freud tenha oferecido uma crítica à moralidade europeia de seu tempo, alguns estudiosos argumentam que sua teoria ainda refletia os princípios heteronormativos vigentes.

É relevante notar que a homossexualidade era classificada como uma das perversões sexuais, associada a comportamentos que envolviam transgressão ou agressão ao objeto de desejo, como ocorre com a pedofilia e o voyeurismo (Laplanche; Pontalis, 1998/2016). Tal categorização certamente abriu espaço para interpretações difamatórias.

Freud, no entanto, defendeu inicialmente que a prática homossexual não deveria ser vista como uma degeneração moral ou uma manifestação patológica sem relação com doenças infecciosas ou traumas psíquicos. Ele rejeitou julgamentos sobre os homossexuais e, inclusive, observou em uma nota de rodapé: “convém admitir que alguns dos homens mais destacados de que temos notícia foram invertidos, talvez até invertidos absolutos” (Freud, 1905, p. 131).

Ao elaborar os “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”, Freud revelou a complexidade da sexualidade humana e reconheceu, ainda que inicialmente, as múltiplas formas de expressão sexual. Sua obra teve impacto significativo nos debates subsequentes sobre a discriminação homofóbica. Ao longo do século XX, a visão da homossexualidade como patologia foi sendo desconstruída, culminando na década de 70 com a desclassificação da homossexualidade como doença pela Associação Americana de Psiquiatria (Santos, 2020).

Em 1999, o Conselho Federal de Psicologia revisou sua postura e deixou de considerar a orientação sexual como um comportamento desviante. O Conselho estabeleceu diretrizes para a atuação profissional com o público correspondente, condenando qualquer tentativa de “reverter” a homossexualidade (Santos, 2020).

Apesar dos avanços, notícias do cotidiano continuam a mostrar a frequência de crimes motivados por homofobia, incluindo agressões e homicídios. O debate sobre a criminalização da homofobia ainda é lento e insuficiente. Observa-se que a sociedade persiste em valores heteronormativos, frequentemente ignorando a violência contra a diversidade sexual e de gênero. Portanto, a transformação das crenças sociais sobre o que é aceitável em relação à diversidade sexual se revela um desafio significativo. O panorama contextual que moldou a percepção das práticas homossexuais e o estigma associado oferece um ponto de partida para discutir o preconceito e explorar possibilidades de sua reparação.

Foucault (2007) argumenta que a vida sexual foi progressivamente moldada e limitada por discursos que servem a propósitos de opressão. Nessa toada, Butler (2013, p. 169) resgata que “o poder da linguagem de atuar sobre os corpos é tanto causa da opressão sexual quanto um caminho para superá-la”. Na psicanálise, a linguagem é compreendida como um meio de representação que reflete e constrói as dinâmicas de poder e opressão.

Dessa forma, a psicanálise emerge como um campo que explora essas questões e contribui para a transformação dos significados. A teoria se concentra na interpretação dos discursos e usa a linguagem como seu principal instrumento analítico. No presente artigo, reconhece-se que a discussão segue em processo, entendendo que a sexualidade não é algo fixo e imutável, mas construído socialmente a nível afetivo e moral.

## 2. A escrita de Cassandra Rios em um contexto de heterossexualidade compulsória

A literatura ocidental tem, ao longo dos séculos, construído a mulher a partir de uma visão estereotipada e frequentemente missógina, elaborada pelos textos predominantemente masculinos que dominaram o cânone. As representações femininas na literatura, via de regra, delineiam mulheres frágeis e subordinadas ao olhar masculino, cuja identidade e destino são definidos em grande parte pelo contexto do casamento.

Quando se trata de personagens lésbicas (quando estas são lembradas), a situação é ainda mais complexa. Nas representações literárias e artísticas que abordam a homossexualidade feminina, observa-se uma inclinação para a intolerância, que não apenas reflete os preconceitos gerais dirigidos às mulheres, mas também introduz uma camada adicional de discriminação específica às lésbicas. Essa discriminação é particularmente visível em relação à sexualidade e às experiências amorosas, que divergem do padrão heterossexual predominante.

A obra de Cassandra Rios ilustra bem esse panorama. Apesar da censura imposta pela ditadura e do olhar moralista de seus contemporâneos, Rios desafiou as convenções. Seus livros abordam a homossexualidade feminina em diversos vieses, não somente os trágicos e/ou estereotipados. Cassandra Rios, uma das escritoras mais censuradas do Brasil, teve a ousadia

de explorar frequentemente temas que contrariavam as normas políticas da época. Segundo a autora, no prefácio de “Mutreta”:

Escrever sobre homossexualismo<sup>5</sup> é uma incumbência delicada e perigosa: trabalho poucas vezes aceito, aprovado ou corretamente interpretado por aqueles que se interessam pelo assunto. Trazer a público trabalhos dessa envergadura não é tarefa fácil, nem sempre válida, quase suspeitosa, mesmo que contenha o mais elevado padrão cultural das obras assinadas por certos elementos respeitáveis nos anais da literatura (Rios, 1977b, p. 5).

O silenciamento acontece como uma ferramenta de manutenção do sexism e da lesbofobia. De acordo com Audre Lorde (1984), ele é um meio de tornar diversas violências como algo invisível. Observa-se tal fato com relação à crítica literária e ao mercado editorial, que ainda oferecem um baixo reconhecimento à Cassandra, o que parece caminhar com o silenciamento de mulheres lésbicas socialmente. Trata-se de uma “lacuna no campo literário quanto à autoria e representação da homossexualidade de mulheres na literatura, lacuna promovida por esquecimentos e apagamentos” (Polessa, 2020, p. 4).

Cristina Ferreira-Pinto (1999) afirma que os motivos para essa ausência estão baseados nos mesmos fundamentos ideológicos que invisibilizam esse grupo. Isso é observado quando, historicamente, como estratégia de repressão, os livros produzidos por Rios foram tidos como “subliteratura” (Jardim, 2022), ou, além disso, tiveram como destino a fogueira, como em uma “caça às bruxas”<sup>6</sup>, ainda que com tiragens próximas aos 300.000 livros (Castro, 2011).

Podemos dizer que esse silenciamento histórico, em parte, é consequência de um tabu acerca das relações protagonizadas exclusivamente entre mulheres.

Não é segredo que o medo e o ódio aos homossexuais permeiam a nossa sociedade. Mas o desprezo pelas lésbicas é diferente. Ele está diretamente enraizado na aversão à mulher autodefinida, à mulher autodeterminante, à mulher que não é controlada pelas necessidades masculinas, ordens ou manipulação (Dworkin, 1993, p. 28, Tradução minha)<sup>7</sup>.

O objetivo dessa perspectiva heteronormativa é “formar todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e ‘natural’ da heterossexualidade” (Miskolci, 2009, p. 157), o que foi profundamente negado por Cassandra. A autora combateu uma das estratégias de silenciamento, que é tornar a mulher

<sup>5</sup> Somente em 1990 o “homossexualismo” foi excluído da lista de distúrbios mentais pela Organização Mundial de Saúde (Rodrigues, 2020). O trecho, retirado de “Mutreta” (1977b) de Cassandra Rios, demonstra o uso comum do termo atrelado ao momento. Atualmente, nega-se o sufixo *-ismo* e utiliza-se “homossexualidade”.

<sup>6</sup> 36 livros de Cassandra Rios foram censurados pela ditadura. Aqueles que tinham a circulação proibida eram apreendidos e destruídos através, geralmente, da incineração (Brum, 2020).

<sup>7</sup> It is no secret that fear and hatred of homosexuals permeate our society. But the contempt for lesbians is distinct. It is directly rooted in the abhorrence of the self-defined woman, the self-determining woman, the woman who is not controlled by male need, imperative, or manipulation (Dworkin, 1993, p. 28).

lésbica culturalmente incompreensível, o que assegura que “as pessoas nem mesmo percebam que poderia haver outras possibilidades” (Katz, 1996, p. 152).

Alfredo Bosi (2002) define resistência como o ato de confrontar uma força externa com a própria força interna. O termo “resistir” está intimamente relacionado com “insistir” e opõe-se a “desistir”. Em sua análise, Bosi incorpora ao conceito a dimensão política e ética do ato de resistir, especialmente no contexto da narrativa, na qual a resistência se manifesta tanto como um tema quanto como um processo intrínseco à escrita.

No caso de Cassandra, pode-se observar o alinhamento com os movimentos descritos por Bosi, particularmente no que se refere à resistência como processo. A abordagem da homossexualidade feminina em seus escritos representava uma violação moral para uma época dominada pela repressão da ditadura militar e pela visão patriarcal de uma sociedade que negava às mulheres o direito ao prazer sexual. Sua obra enfrentou recorde de censura, mas apesar desses desafios, Rios permaneceu firme em sua resistência, continuando a escrever e a explorar o tema da sexualidade.

A literatura de Cassandra era alvo de censura sob a alegação de que contrariava os bons costumes promovidos pelos governos militares. Além disso, existem outras razões pelas quais a ditadura a considerava uma escritora “perigosa”, como o fato de ser uma mulher que ocupava o espaço público e dava visibilidade aos desejos sexuais femininos, especialmente em uma época em que se esperava que houvesse somente os papéis tradicionais de mães e donas de casa. Além disso, havia o agravante de sua condição de escritora, prontamente identificada como um reflexo de suas personagens: lésbica, pornográfica, maldita e proibida.

Extrapolando os limites entre autora e obra, muitos acreditavam que a escritora criava “diários”, como se apenas registrasse sua vida nos livros, numa perspectiva autobiográfica e confessional. Em um dos depoimentos citados na obra “Censura”, Cassandra recorda uma de suas visitas à delegacia, onde o delegado questionava quem era uma de suas personagens. Ela relata que “era inútil qualquer resposta para explicar que tudo era fruto da sua imaginação e que somente quisera provar seu valor de ficcionista, sua capacidade de inventar estórias” (Rios, 1977a, p. 104). É nesse contexto que a autora defendia sua capacidade de escrever, de criar ficção e de produzir registros literários sobre a vida cotidiana.

### **3. O livro “Eu sou uma lésbica” (1983), de Cassandra Rios, pelo viés psicanalítico**

Flávia inicia suas memórias com a frase “Eu me lembro bem”, aos 22 anos, estruturadas em nove capítulos. O título, como muitos outros escolhidos pela escritora Cassandra Rios, destaca-se pela assertiva “Eu sou uma lésbica”. Através das memórias e confissões de Flávia, o leitor é convidado a pensar sobre a sexualidade infantil, confrontar a violência dirigida às pessoas homossexuais e questionar o objetivo por trás dos personagens, que refletem as complexidades e contradições dos sentimentos humanos.

O livro é, portanto, a expressão culminante do processo memorialístico de Flávia que, ao narrar sua história, revela como tomou consciência de sua orientação sexual desde muito jovem. Flávia, ainda menina, vê-se fascinada por Kênia, esposa do médico Eduardo. Em um

dia em que a casa da família está repleta de vizinhas, Flávia se esconde sob a mesa e lambe as pernas da mulher. Quando confrontada sobre seu comportamento, a jovem permanece em silêncio, revelando através de sua introspecção e da narrativa um profundo conflito interno.

No primeiro capítulo, o leitor é imediatamente introduzido à protagonista, que revela ter, desde muito jovem, mais especificamente aos sete anos de idade, uma habilidade notável para dissimular e explorar sua atração pela vizinha. “Eu tinha sete anos. E sofria. Ardentemente. De ansiedade. E já sentia vergonha” (Rios, 1983, p. 11). A estrutura fragmentada e os períodos curtos desafiam o leitor a preencher as lacunas deixadas pela narradora, criando um jogo de linguagem que demonstra o fluxo de descoberta que a própria personagem vive, passo a passo.

Flávia, ao relatar sua trajetória, busca compreender e dar sentido às imagens do seu passado. A jovem é consumida por sonhos e angústias relacionadas a Kênia, sua vizinha adorada, não demonstrando a consciência de ter vivido um abuso sexual, o qual acredita e argumenta ter vivenciado consensualmente, ainda sendo uma criança.

O imaginário ganha concretude quando, devido a uma emergência médica, Flávia é deixada na casa da vizinha. A personagem-narradora detalha as estratégias empregadas para manter o marido de Kênia afastado do quarto e, nesse contexto, recorre à autoridade de Freud para explorar e legitimar esses impulsos e ações. “Id libido. Pura e primitiva. Essencialmente id, quanto o id pode ser natural, o substrato da mente, o princípio, o provavelmente irracional, instintivo, primeiro, nato” (Rios, 1983, p. 22).

No desfecho da narrativa, Flávia e Kênia se reencontram após quinze anos. A jovem, de agora 22 anos, carrega a sapatilha que simboliza seu fetiche, demonstrando que a memória do desejo por Kênia nunca se apagou. O enredo, com sua estrutura cíclica, revisita o título do primeiro capítulo, “Vamos brincar de gatinho?”, agora reformulado, pois é Kênia quem, com essa pergunta, evoca o abuso realizado no passado.

As mãos nos seios, a boca na boca, a sandália entre os nossos corpos, o fetiche assassino<sup>8</sup>, o fetiche simbólico que procurava seu esconderijo, o corpo que se movia para engolir o salto, a sandália metida entre nossos corpos, rolando na cama, tecido rasgando, gemidos e palavras soltas, sem nexo, sôfregos e dolorosos, entre lágrimas e suor, pernas cruzando, coxas ajeitando-se, borboletas de asas negras entranhando-se numa dança frenética e sensual, numa fantasia que fez uma criança virar um monstro e uma mulher se sentir um anjo (Rios, 1983, p. 114-115).

Na primeira leitura desta obra, é possível ser tomado por diversos sentimentos. Desconforto, choque, curiosidade, entre muitos outros. As memórias de Flávia perturbam: uma criança de sete anos, uma experiência sexual e um assassinato. Aos poucos, trata-se de entender como Cassandra Rios, ao provocar, refletia as críticas que recebia e rejeitava as censuras políticas e morais direcionadas às suas obras e à sua vida pessoal. A personagem Flávia força

<sup>8</sup> Uma das lembranças de Flávia é a de que, por ciúmes, ainda quando criança, decide moer uma lâmpada de vidro e colocar na comida do marido de Kênia. Ela tem essa memória ao descobrir, anos depois, que o marido de Kênia teria falecido em um acidente de carro.

os leitores a confrontarem suas próprias reações e a entender a origem do desconforto que sentem.

Cassandra Rios nomeia os nove capítulos do livro gradualmente desenvolvendo os argumentos de Flávia, provocando inquietações e reflexões sobre a homossexualidade feminina. Flávia não é apenas a criança; ela é a jovem de 22 anos que revisita sua história, responsabilizando-se pelos atos, incluindo o envenenamento de Eduardo. Dentro da obra, a ênfase que pode ser compreendida é a de que orientação sexual não é uma escolha, mas um processo de autorreconhecimento.

*Figura 1 - Sumário do livro “Eu sou uma lésbica”, de Cassandra Rios.*

## SUMARIO

<b>Vamos brincar de gatinho? .....</b>	<b>7</b>
<b>Algo alucinante apoderava-se de mim .....</b>	<b>11</b>
<b>Ela parecia uma fada iluminada .....</b>	<b>16</b>
<b>O meu estranho mundo secreto .....</b>	<b>26</b>
<b>Os homens preferem as lésbicas .....</b>	<b>48</b>
<b>Nós estamos sempre sós na multidão, mas o nosso mundo é lindo! .....</b>	<b>61</b>
<b>No Carnaval tudo aconteceu muito rápido ..</b>	<b>74</b>
<b>Até que ponto uma criança é inocente? ..</b>	<b>87</b>
<b>A criança é o verdadeiro “monstro sagrado”</b>	<b>105</b>

Fonte: Rios, 1983.

A escolha de narrar a história pela perspectiva de Flávia, e não de Kênia, busca encontrar justificativas dentro da própria narrativa para leitores que condenariam, naturalmente, Kênia, pelos fatos. A sociedade pós-Revolução Francesa é responsável por regular a conduta infantil em relação à sexualidade, preservando a criança de qualquer contato com o tema. Freud, nesse contexto, chocou a sociedade ocidental ao examinar a sexualidade infantil, sugerindo que muitas pessoas sofrem amnésia das experiências antes dos oito anos e que essas memórias reprimidas poderiam moldar a personalidade adulta.

Contrariamente a essa ideia, Flávia demonstra segurança ao recuperar suas lembranças. A construção da imagem de uma menina dissimulada e segura se justifica por três motivos: primeiro, por ser uma recordação de uma pessoa amadurecida que conseguiu reencontrar Kênia e reviver o que tivera sido vivenciado na infância; segundo, por atribuir à criança de sete anos o protagonismo, o que minimiza a responsabilidade de Kênia; e, por fim, para reforçar o argumento central da narrativa de que a homossexualidade não é uma escolha.

Flávia se reconhece como lésbica desde os sete anos e, portanto, sua orientação estava “predestinada”, de modo que ela “jamais conseguiria amar a um homem” (Rios, 1983, p. 30). Em outro momento, a narrativa recorre novamente à psicanálise, dessa vez para afirmar que sua

trajetória se dá no plano da consciência: “Mas eu não vou seguir a via régia da psicanálise para a interpretação da minha vida, pois a tenho no plano consciente” (Rios, 1983, p. 30). Em outras palavras, ao buscar análise, Flávia argumenta que não correria o risco de descobrir que inconscientemente foi levada à homossexualidade por alguma lembrança reprimida.

Ainda assim, com ferramentas questionáveis, reforço a necessidade de entendermos a obra como ficção. Uma ficção pornográfica<sup>910</sup> publicada em 1979 (primeira edição), época em que as principais teorias de gênero que conhecemos hoje ainda nem haviam sido publicizadas. “Problemas de gênero”, de Judith Butler, por exemplo, só “nasce” em 1990.

Cassandra utiliza suas obras para tocar em feridas sociais pouquíssimo expostas, provocando o que há de humano nos leitores através de sentimentos como a raiva, a curiosidade, o desejo, a repulsa; muitos desses sendo estimulados uns pelos outros, de forma complementar e complexa. Deixando a possibilidade plena de entendimento para o futuro, afirma:

[...] Amanhã, num futuro bem próximo, quando eu puder ser melhor interpretada e as novas gerações estejam preparadas para lerem-me por não assimilarem o negativismo dos outros ou pelo impulso de atacar o desconhecido prevenidos pela possibilidade de um mal – porque não escrevo para perturbar ou corromper, simplesmente a vida é que é às vezes muito feia (Rios, 1977a, p. 56).

Mais de quarenta anos depois, o “amanhã” desejado pela escritora continua envolto em sombras. O extremismo segue presente, promovendo uma moralidade impregnada, e a homossexualidade ainda enfrenta rejeição, lutando contra a repressão física e moral em uma sociedade que persiste em ver a heterossexualidade como seu padrão dominante.

Mesmo que o leitor não se identifique com a maneira como a obra apresenta seu argumento, será certamente impactado. E é isso que Cassandra faz. A personagem Flávia, complexa e em constante amadurecimento, leva o leitor a confrontar, através da literatura, a dura realidade de que a vida é, de fato, “às vezes muito feia” (Rios, 1977a, p. 56).

## Conclusão

O objetivo desta pesquisa foi explorar a interseção entre Literatura e Psicanálise através da obra “Eu sou uma lésbica” (1983), de Cassandra Rios. Para isso, foram evocados conceitos psicanalíticos ao texto literário com a intenção de desvendar os desejos ocultos, o prazer revelado e as vozes não expressas ou mal interpretadas.

A investigação revelou que a Psicanálise oferece instrumentos conceituais para apreender as tensões e deslocamentos do desejo no interior da linguagem literária. Nessa

<sup>9</sup> Neste artigo, encaro “pornográfico” como sinônimo de “erótico”, buscando afastar-me das definições morais e estéticas que distanciam os termos. Defendo que as fronteiras entre os conceitos não devem ser rígidas, mas sim fluidas e entendidas de maneira complementar (Silva, 2024b).

<sup>10</sup> Defendo, ainda, a caracterização da literatura cassandriana como pornográfica, ainda que Cassandra negasse o enquadramento no gênero. A ideia é a de que a categoria, à época, não estava incorreta pelo gênero, mas pelas alegações e censura recebidas ligadas à sexualidade da autora (Silva, 2024a, In: Daltoé et al., 2024).

perspectiva, não se trata de impor um saber externo à obra, mas de mobilizar noções psicanalíticas para observar as singularidades formais e discursivas do texto, em consonância com o que Lopes (2016) define como uma relação dialógica entre Psicanálise e literatura. Esse enfoque permite que o leitor comprehenda a obra em conjunto com o contexto social e suas características, ajudando a entender temáticas em conflito com as normas e códigos morais vigentes à sua época – mais especificamente à ditadura militar.

Neste artigo, argumento que a análise da literatura sob a perspectiva Psicanalítica pode ser eficaz e frutífera para examinar personagens LGBT+. Esse enfoque pode revelar os conflitos internos desses personagens, que muitas vezes são moldados por uma sociedade heteronormativa ou pela dificuldade em aceitar a própria sexualidade ou identidade de gênero, refletindo as tensões do mundo em que estão inseridos.

No livro “Eu sou uma lésbica” (1983), através das memórias de uma pessoa que amadureceu, o leitor é confrontado com um enredo que exige disposição para transcender julgamentos morais. Temos diante dos olhos uma narrativa com um argumento contundente: a homossexualidade é uma identidade, um processo de autorreconhecimento. Assim como em suas outras obras, Cassandra Rios utiliza o choque como uma ferramenta para provocar e desafiar o leitor. A imagem de uma menina de sete anos, dissimulada e assertiva, é central para a narrativa, funcionando quase como um tratado sobre a homossexualidade feminina. Flávia, a protagonista, não apenas questiona a teoria freudiana e nega distúrbios familiares ou inconscientes, mas também afirma sua identidade lésbica desde a infância.

Para Cassandra Rios, a escrita foi uma forma de resistência. A autora desafiou seus leitores a confrontar debates frequentemente silenciados pelo discurso moralista da época, destacando a força e a relevância de suas abordagens. Em um contexto em que o acesso das mulheres à educação formal e ao espaço público era limitado, sua literatura viabilizou, na mais simplória das análises, a possibilidade de se falar do assunto nesse cenário restritivo. Era (e é) possível ser lésbica, nos livros e fora deles.

## Referências

ARAUJO, Maria Paula; SILVA, Izabel Pimentel; SANTOS, Desirree dos Reis. *Ditadura militar e democracia no Brasil: história, imagem e testemunho*. Rio de Janeiro: Ponteio, 2013.

BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BRUM, Roberta Knapik. O silenciamento de existências: Cassandra Rios e lesbiandades. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA ANPUH: História & Resistência, 15, 2020, Passo Fundo. *Anais [...]*. Porto Alegre: ANPUH-RS, 2020. Disponível em: <https://www.eeh2020.anpuh-rs.org.br/anais/trabalhos/trabalhosaprovados>. Acesso em: 20 mar. 2025.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CASTRO, Maria Glória. O interdito no ideal de nação: a lesbiana existe para a literatura brasileira?. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, [S.l.], n. 32, p. 57–67, 2011.

DWORKIN, Andrea. *Letters from a war zone*. New York: Lawrence Hill Books, 1993.

FERREIRA-PINTO, Cristina. O desejo lesbiano no conto de escritoras brasileiras contemporâneas. *Revista Iberoamericana: erotismo y escritura*, [S.l.], v. 65, n. 187, abr./jun. 1999, p. 405-421.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

FREUD, Sigmund. *Escritores criativos e devaneio*. Rio de Janeiro: Imagem, 1708/1976.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin e Companhia das Letras, 1929/2010.

FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1905/1996.

JARDIM, Nadege Ferreira Rodrigues. *Patriarcado fantasmagórico, heteronormatividade monstruosa: a presença do gótico no romance A serpente e a flor*, de Cassandra Rios. 2022. 127 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan 2: A clínica da fantasia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1972.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1998/2016.

LASAITIS, Cristina. *O poema do “amor que não ousa dizer seu nome”*. Anatomia da Vertigem. 2020. Disponível em: <https://cristinalasaitis.wordpress.com/2020/05/04/o-poema-do-amor-que-nao-ousa-dizer-seu-nome/>. Acesso em: 20 mar. 2025.

LOPES, Luciana Silviano Brandão. *Figurações do feminino: a mulher, a escrita e a puta em Marguerite Duras*. 2016. 196 f. Tese (Doutorado) - Curso de Estudos Literários, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/LETR-AL6GD8/1/tese\\_final\\_luciana\\_silviano\\_brand\\_o\\_lopes\\_pronta.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/LETR-AL6GD8/1/tese_final_luciana_silviano_brand_o_lopes_pronta.pdf). Acesso em: 20 mar. 2025.

LORDE, Audre. *Sister Outsider: essays and speeches*. [S.l.]: Crossing Press, 1984.

MELLO, Antônio. Oscar Wilde, 'o amor que não ousa dizer seu nome', e frases famosas. *Revista Fórum*. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/cultura/2024/4/14/oscar-wilde-o-amor-que-no-ousa-dizer-seu-nome-frases-famosas-157287.html>. Acesso em: 20 mar. 2025.

MEZAN, Renato. *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

MISKOLCI, Richard. A teoria Queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 21, p. 150-182, Jun. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2025.

POLESSO, Natalia Borges. Sobre literatura lésbica e ocupação de espaços. *Estudos Literários Brasileiros Contemporâneos*, Brasília, n. 61, e 611, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/elbc/n61/2316-4018-elbc-61-e611.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2025.

RIOS, Cassandra. *Eu sou uma lésbica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1983.

RIOS, Cassandra. *Censura: minha luta, meu amor*. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, 1977a.

RIOS, Cassandra. *Mutreta*. São Paulo: Global Editora e Distribuidora, 1977b.

RODRIGUES, Sérgio. Homossexualismo ou homossexualidade? *Revista Veja*, online, jul. 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/sobre-palavras/homossexualismo-ou-homossexualidade/>. Acesso em: 20 mar. 2025.

SAMUEL, Rogel. Crítica Psicanalítica. In: SAMUEL, Rogel. *Novo manual de teoria literária*. 6. ed. Revista e ampliada. Rio de Janeiro: Vozes, 2011, p. 86-89.

SANTOS, Ivanildo da Silva. *Do princípio ao fim, o amor: a errância erótica de Cassandra Rios*. 2020. 132 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

SILVA, Talita Ferreira Gomes da. Cassandra Rios e a ditadura militar: censura à visibilidade lésbica. In: DALTOÉ, Andréia da Silva et al. **Marcas da Memória - Violência de estado e estado de violência: corpos e(m) resistência**. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2024a. p. 284-296.

SILVA, Talita Ferreira Gomes da. Cassandra Rios e a censura às narrativas lésbicas no Brasil. In: SANTOS, Concílio Lopes dos; NASCIMENTO, Lucas Paulino do; CARDOSO, Sebastião Marques. **Multiplicidades corpóreas: atravessamentos político-culturais em literaturas de língua portuguesa**. Mossoró: Editora Podes, 2024b. p. 179-190.

SOUZA, Solange Jobim e. *Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. [s.l.]: Papirus, 2009.

**Data de submissão:** 30/08/2024

**Data de aceite:** 24/03/2025